



MEIO AMBIENTE

Presidente afirma, na Cúpula do Clima, que Brasil eliminará o desmatamento ilegal até 2030 e pede recursos internacionais para alcançar meta. Enviado especial americano, John Kerry diz que declarações do mandatário surpreendem, no entanto, questiona: "Eles vão cumprir?"

Bolsonaro faz promessas, mas EUA querem ação

» ISRAEL MEDEIROS

Uma mudança de postura — ao menos no discurso —, o presidente Jair Bolsonaro prometeu, na Cúpula dos Líderes sobre o Clima, que o Brasil deixará de emitir gases do efeito estufa até 2050, meta mais ambiciosa do que aquela estabelecida pelo governo de Michel Temer, de fazer o mesmo até 2060. De acordo com o chefe do Planalto, já em 2025, a redução das emissões de carbono será de 37%. Para 2030, o compromisso é de diminuir em 40% as emissões e erradicar o desmatamento ilegal.

As declarações de Bolsonaro foram marcadas por informações verdadeiras e falsas. No início do discurso, por exemplo, ele afirmou que o Brasil foi responsável por menos de 1% das emissões de gases do efeito estufa, nos últimos 200 anos, e responde por somente 3% do que é lançado na atmosfera hoje, o que não condiz com a realidade (veja quadro).

Bolsonaro destacou que "somos pioneiros na difusão de biocombustíveis renováveis, como o etanol, fundamentais para a despoluição de nossos centros urbanos". "No campo, promovemos uma revolução verde a partir da ciência e da inovação. Produzimos mais com menos recursos, o que faz da nossa agricultura uma das mais sustentáveis do planeta."

De acordo com o chefe do Executivo, o país tem o mérito de preservar a floresta amazônica. "Temos orgulho de conservar 84% do nosso bioma amazônico e 12% de toda a água doce da Terra. Como resultado, somente nos últimos 15 anos, evitamos a emissão de mais de 7,8 bilhões de toneladas de carbono na atmosfera", disse. "À luz de nossas responsabilidades comuns, porém diferenciadas, continuamos a colaborar com os esforços mundiais contra a mudança do clima."

Além de mencionar os atos de preservação do Brasil, Bolsonaro voltou a pedir recursos, o que já era esperado por especialistas, pois já constava da carta enviada pelo mandatário ao presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, na semana passada. "É preciso haver justa remuneração pelos serviços ambientais prestados por nossos biomas ao planeta, como forma de reconhecer o caráter econômico das atividades de conservação. Estamos, reitero, abertos à cooperação internacional", enfatizou.

O discurso de que o país precisa de mais recursos para conseguir preservar o meio ambiente, no entanto, tem sido amplamente criticado por ambientalistas e especialistas internacionais. A narrativa vai de encontro, inclusive, a falas do próprio Bolsonaro. Em agosto de 2019, ele disse que o Brasil não precisava de dinheiro da Alemanha, por exemplo, para preservar a Amazônia.

O chefe do Planalto ressaltou, ainda, que o chamado dos EUA para a preservação do clima coincide com as ações que estão

sendo adotadas pelo governo brasileiro. Falou também sobre a importância de investir em bioeconomia e disse que isso deve contemplar os interesses de todos os brasileiros, incluindo indígenas e a sociedade em geral. Para que essa estratégia tenha êxito — destacou —, o Brasil precisa contar com a contribuição de outros países e da iniciativa privada.

Segundo Bolsonaro, as ações pela preservação ambiental devem ter foco, ainda, em elevar as condições da população que vive no bioma amazônico. "Devemos enfrentar o desafio de melhorar a vida dos mais de 23 milhões de brasileiros que vivem na Amazônia, região mais rica do país em recursos naturais, mas que apresenta os piores índices de desenvolvimento humano", afirmou.

Cautela

O compromisso do mandatário foi saudado pelos Estados Unidos, que, no entanto, querem ações, não apenas discurso. O enviado especial dos EUA para o Clima, John Kerry, afirmou: "Alguns dos comentários que o presidente Bolsonaro fez hoje (ontem) me surpreenderam, e isso é muito bom. Vão funcionar essas coisas se forem feitas. A questão é: eles vão cumprir? A questão é: como será feito e de que forma?"

De acordo com um porta-voz do Departamento de Estado americano, o país notou "o tom positivo e construtivo nos comentários do presidente Bolsonaro na Cúpula de Líderes". "Alcançar a neutralidade de carbono até 2050, 10 anos antes do que o compromisso anterior, é significativo, particularmente sem condições prévias. A duplicação dos fundos disponíveis para aplicação também será crucial para eliminar o desmatamento ilegal", destacou. "Estamos satisfeitos que o presidente Bolsonaro reconheceu o importante papel do setor privado em nos ajudar a encontrar soluções. Também concordamos com sua ênfase de que os povos indígenas e as comunidades tradicionais devem estar envolvidos para proteger as florestas e a biodiversidade."

Conforme o porta-voz, "muitos detalhes ainda serão resolvidos, e é justo perguntar a todos os países, Estados Unidos, Brasil e outros, como vamos alcançar nossos ambiciosos objetivos". "Nossa credibilidade dependerá de ter planos sólidos, fazer o trabalho e permanecer incessantemente focados nos resultados. Entendemos que alcançar metas ambiciosas requer recursos, e os Estados Unidos estão comprometidos em ser um parceiro do Brasil nesse esforço", enfatizou. "Esperamos continuar trabalhando em conjunto com o Brasil para expandir nosso diálogo e nossa cooperação, baseados em nossas décadas de cooperação em desafios ambientais compartilhados."

Marcos Correa/AFP



Bolsonaro com ministros no encontro virtual de líderes: discurso do presidente ocorreu quando Joe Biden estava ausente da reunião

» Verdadeiro ou falso?

Veja o que é verídico ou não no discurso de Bolsonaro

FALSO

O Brasil está na vanguarda do enfrentamento ao aquecimento global

» Segundo a plataforma Global Forest Watch, em 2020, mais de 4 milhões de hectares de florestas foram devastados no mundo. O Brasil é o país que mais desmatou e representa quase um terço do total mundial, com 1,7 milhão de hectares na Amazônia.

O país foi responsável por menos de 1% das emissões de gases de efeito estufa nos últimos 200 anos

» De acordo com a Climate Watch, que integra o World Resources Institute, desde o início da série histórica, em 1990, o país foi responsável por 4,3% das emissões totais do mundo. Se considerada a série histórica iniciada em 1850, que exclui emissões de gases por alterações em uso da terra e silvicultura, o Brasil emitiu cerca de 1,7% do total do planeta.

Nossa agricultura é uma das mais sustentáveis do planeta

» O Brasil ocupa, na verdade, a 51ª posição no ranking de agricultura sustentável, levando em conta o Índice de Sustentabilidade Alimentar, desenvolvido pelo jornal *The Economist* com o Centro Barilla para Comida e Nutrição. A nota do país no índice é de 64,2.

Povos da Amazônia têm o menor Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do Brasil

» O IDH da região amazônica (0,752, em média) é, de fato, menor do que a média nacional (0,765), segundo dados da plataforma Atlas Brasil. Mas, no Nordeste, a situação é parecida. Na região está localizado o estado de Alagoas, com menor IDH do país (0,683).

O Brasil conservou 84% do bioma amazônico

» Conforme a organização Mapbiomas, a área restante de floresta amazônica corresponde, na verdade, a 79,8%.

VERDADEIRO

As emissões do Brasil representam menos de 3% das globais anuais

» Nos dados mais atualizados da Climate Watch, de 2018, o Brasil era responsável por 2,9% das emissões de gases de efeito estufa.

Contamos com uma das matrizes energéticas mais limpas, com renovados investimentos em energia solar, eólica, hidráulica e biomassa

» O Brasil, de fato, se destaca em energia renovável em comparação com o resto do mundo. É o que aponta a Empresa de Pesquisa Energética, segundo a qual a matriz energética brasileira é formada por 45% de fontes renováveis, enquanto a média mundial de utilização de fontes renováveis é de 14%.

O país tem cerca de 12% de toda a água doce da Terra

» O Brasil realmente detém cerca de 12% da água doce disponível na superfície do planeta. Segundo a Agência Nacional das Águas, ao menos 80% desse total faz parte da Região Hidrográfica Amazônica.

Especialistas veem discurso vazio

» ISRAEL MEDEIROS
» GABRIELA BERNARDES*

As reações ao discurso do presidente Jair Bolsonaro na Cúpula de Líderes sobre o Clima foram quase imediatas. Especialistas e políticos apontaram inverdades nas declarações do mandatário e questionaram os compromissos firmados por ele, que destoam de postura tradicionalmente negacionista, desde que assumiu o governo, sobre preservação ambiental.

Para o diretor-executivo do WWF Brasil, Mauricio Voivodic, o país "sofre um processo contínuo de desmantelamento de políticas públicas direcionadas à preservação do meio ambiente" desde que o presidente iniciou o mandato. "A equipe do governo Bolsonaro parece agir em direção contrária aos interesses nacionais e de conservação do meio ambiente", avaliou.

Voivodic também ressaltou que o ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, trabalha para diminuir a fiscalização e para desmantelar órgãos ambientais que combatem a ilegalidade. Nesse contexto, ele disse que Bolsonaro age como se a Amazônia fosse um refém, ao exigir pagamento de líderes para manter a floresta de pé.

Na opinião de Fabiana Alves, coordenadora de Clima e Justiça do Greenpeace, dar recursos ao governo brasileiro, que atua contra a preservação ambiental, seria um equívoco. "É impossível proteger a floresta dando fundos a alguém responsável por níveis recordes de desmatamento na Amazônia e violações dos direitos humanos", destacou.

Já o deputado Rodrigo Agostinho (PSB-SP), coordenador da Frente Ambientalista da Câmara, comentou que o governo está sentindo a pressão internacional, o que justifica o tom mais moderado do discurso de Bolsonaro. "O governo está acuado no ponto de vista da questão ambiental. Nós estamos, há dois anos e quatro meses, num processo de desmonte de todas as políticas ambientais brasileiras. (...) Nosso desmatamento já é superior a um milhão de hectares/ano. Então, esse discurso moderado vem por conta das pressões internacionais que o Brasil sofre", argumentou.

O senador Jaques Wagner (PT-BA), presidente da Comissão de Meio Ambiente da Casa, também criticou a fala de Bolsonaro. "Enquanto o mundo se compromete com avanços na área ambiental, a fala do presidente na Cúpula do Clima foi vazia e carregada de mentiras. Além de não demonstrar qualquer compromisso com o meio ambiente, apresentou ações que não são do seu governo e mentiu sobre as taxas de desmatamento na Amazônia", afirmou.

A deputada Carla Zambelli (PSL-SP) elogiou a participação do mandatário. "Em excelente discurso para a Cúpula de Líderes sobre o Clima nos EUA, o presidente Jair Bolsonaro reafirma o papel de liderança do Brasil na conservação de seu bioma e o compromisso em eliminar o desmatamento ilegal até 2030. O Brasil está aberto à cooperação internacional", ressaltou.

*Estagiária sob a supervisão de Cida Barbosa

Ensaio para conferência do clima

Antes de completar 100 dias no cargo, o presidente dos EUA, Joe Biden, convocou cerca de 40 líderes mundiais para a reunião por videoconferência, de dois dias, com o objetivo de preparar o terreno para a conferência do clima da ONU em Glasgow, na Escócia, em novembro, que buscará aprimorar o Acordo de Paris.